



Futuro da Tecnologia do Ambiente Construído e os Desafios Globais
Porto Alegre, 4 a 6 de novembro de 2020

SÍMBOLOS E RESSIGNIFICAÇÃO DA CASA NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA COVID-19¹

SILVA, Ailma Leanne de Melo (1); FREITAS, Alexandra Jane de Carvalho (2); CRUZ, Marcelo Karloni da (3).

(1) Universidade Estadual de Alagoas, ailmaleanne@gmail.com
(2) Universidade Federal de Santa Catarina, alexandrajanepi@gmail.com
(3) Universidade Federal de Alagoas, karloniufal@gmail.com

RESUMO

A casa, como símbolo, representa em seus moradores sentimento de proteção e segurança. Emoção esta que vem tomando maior proporção e significado no atual cenário frente a pandemia Covid-19 em que o mundo se encontra desde o início do ano de 2020. Neste período, é possível observar a crescente publicidade do sentido da casa como abrigo, comparação esta advinda com o intuito de instruir e prevenir a propagação do Coronavírus. Este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre os impactos do Covid-19 na cidade a partir da consideração do ambiente construído, tendo em vista a importância do sentido de lar atribuído ao espaço edificado, bem como as significâncias relacionadas a elementos essenciais na constituição da moradia. Neste período de isolamento social, os diferentes usos e espaços das moradias vem passando por um importante e necessário processo de ressignificação, destacando a dimensão simbólica da arquitetura como instrumento efetivo no enfrentamento da pandemia.

Palavras-chave: Pandemia Covid-19. Símbolo. Signo. Arquitetura.

ABSTRACT

The house, as a symbol, gives its residents a strong feeling of protection and security; emotion that has been taking on great proportions in the pandemic scenario in which the world finds itself since the beginning of the year 2020. In this period, it is possible to observe the growing publicity of the sense of home as a shelter, a comparison that comes with the intention of instructing and preventing the spread of Coronavirus among society. In this context, this article aims to present reflections on the impacts of Covid-19 in the city with an emphasis on the built environment, in view of the importance of the sense of home attributed to the built space, as well as the significance related to essential elements in the constitution. of the house. In this period of social isolation, the different uses and spaces of housing has been going through an important and necessary process of reframing, attenuating the symbolic dimension of architecture as an effective instrument in facing the pandemic.

¹ SILVA, Ailma Leanne de Melo; FREITAS, Alexandra Jane de Carvalho; CRUZ, Marcelo Karloni da. Símbolos e ressignificação da casa no enfrentamento da pandemia Covid-19. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 18., 2020, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ANTAC, 2020.

Keywords: *Pandemic Covid-19. Symbol. Sign. Architecture.*

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros meses do ano de 2020 no Brasil foram marcados pelas diversas campanhas de saúde que circularam na grande mídia referente às formas de prevenção da disseminação e contaminação do SARS-CoV-2, vírus inicialmente detectado na China que nos meses seguintes passaria de surto a pandemia. Desde então, as instruções veiculadas pela mídia mundial seguem orientações como: “higienize seus objetos”, “lave as mãos com frequência”, “use máscara ao sair de casa”, “mantenha distanciamento”, e uma das medidas mais efetivas e que se popularizou, o “fique em casa” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). No Brasil, os estados exerceram autonomia para as importantes decisões no processo de mitigar e conter a contaminação do vírus, dentre elas, destaca-se a nacional e mundialmente adotada: o distanciamento social. Pois,

sem medicamento específico para tratamento ou prevenção, o “Fique em casa” se coloca como mais que um slogan de campanha de saúde e conscientização, representa um ato de lidar com o imprevisível quando tosses e espirros podem vir de qualquer lado e disseminar o vírus em qualquer superfície, significando uma possibilidade catastrófica (OLIVEIRA; GUDINA, 2020).

Assim, uma nova dinâmica e significado na maneira de morar e habitar ascende no início desta década. Comércio fechados, ruas vazias e parques sem movimento. Todo o cotidiano acaba tendo como referência principal o espaço da casa. Compreendendo este espaço como lugar de proteção - que também abriga experiências, sentimentos, memórias e a própria identidade de seus moradores - vê-se a necessidade de voltar o “olhar de dentro e de perto” (DUARTE, 2008) para as significâncias e ressignificações de seus elementos.

Esse momento marca novas possibilidades nas formas de habitar, uma vez que propicia reflexão sobre a vida e sobre os hábitos cotidianos. Ficar em casa por mais tempo, mesmo que o intuito inicial fosse no sentido de proteção, acaba por introduzir tendências opostas ao ritmo frenético imposto pela modernidade, como benefícios que tendem a participar da vida pós-pandemia. Assim, os significados se materializam em forma de arquitetura, permitindo uma oratória do lugar que de acordo com Netto (1984) não se separa do lugar ocupado socialmente que faz o indivíduo ter experiências distintas e outras perspectivas sobre o mundo e sobre si mesmo. O autor afirma que além da dimensão formal, estética e funcional da arquitetura, ela é dotada de sentido poético e sociológico, que por sua vez, caracterizam a relação íntima entre o indivíduo e o lugar.

Segundo Duarte (2008), a concepção da arquitetura como artefato cultural é carregada de significados, oriunda de símbolos decorrentes da apropriação do ser humano no espaço, bem como linguagens (não textuais) captadas pela sensibilidade e multissensorialidade do espectro visual. Este espaço subjetivo, psicológico e multissensorial é uma máquina capaz de produzir reações humanas predeterminadas, acolher sentimentos e despertar sensações. (ZUMTHOR, 2005).

Neste sentido, é possível destacar que o espaço edificado tem um impacto positivo nas vidas de seus moradores, tendo em vista o significado, o envolvimento e o afeto atribuídos a ele. Afinal, o ambiente não se ergue apenas por elementos construtivos, de fato, ele pode ser concebido a partir de uma série de componentes que lhe atribuem sentido. (DUARTE, 2012)

Holanda (1990) afirma que “de todos os aspectos da arquitetura, os estéticos são talvez aqueles que se têm mostrado mais refratários a uma objetivação

concretamente trabalhável” (p. 76). Contudo, não se pode minimizar a influência que as características de ordem estética tendem a exercer sobre os rumos da prática na arquitetura e, por extensão, sobre a própria vida cotidiana. Afinal, ao

compartilharmos um mesmo código social, percebemos que os objetos belos nos atingem diferenciadamente, em função de nossas predisposições individuais.(...) Tais códigos são construções sociais, mas também construções abstratas e perfeitamente passíveis de descrição objetiva. (p. 80)

Dessa forma, a arquitetura ao gerar símbolos que se comunicam diretamente com seus usuários tendem a ser fortes instrumentos no enfrentamento dessa crise sanitária, tanto na transmissão de soluções práticas e eficazes quanto na conscientização e flexibilização na relação diária do indivíduo.

Assim, o presente escrito se propõe a apresentar reflexões sobre os impactos do Covid-19 na cidade a partir da ótica do ambiente construído, tendo em vista a importância do sentido de lar atribuído ao espaço edificado, bem como as significâncias relacionadas a elementos essenciais na constituição da moradia. Para tal, buscou-se discutir sobre as diferentes dimensões atribuídas à casa, quer seja de pertencimento quer seja simbólica, como a também aos novos usos e ressignificações conferidas a esse espaço durante o período pandêmico.

2 ARQUITETURA COMO INSTRUMENTO NO ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA

A utilização da arquitetura para o enfrentamento da pandemia Covid-19 é uma oportunidade a ser explorada em diversas esferas e escalas. Na arquitetura da saúde, embora constituída por estruturas hospitalares rígidas e programa de necessidades complexo é possível garantir mudanças de suas demandas através da gestão estratégica e do uso de tecnologia a flexibilização. Além disso, os ambientes de saúde de forma geral através da humanização dos espaços já conseguem potencializar a cura e o bem estar dos usuários. Isso ocorre, como afirma Lukiantchuki e Souza (2010), porque através da humanização há uma redução da distância entre o paciente e o ambiente hospitalar, o qual para Costa (2009) baseia-se na metáfora do lar.

Sem possibilidade de apropriar-se e identificar-se com espaço em que estão hospedados, a angústia dos pacientes amplia-se. O sentimento de estarem em um local estranho prejudica o processo da cura, tanto física quanto emocional. (LUKIANCHUKI; SOUZA, 2010)

Como já mencionado, a maior forma de prevenção e até mesmo de tratamento para aqueles com sintomas leves é a prática do distanciamento social. “Ficar em casa” ainda é a melhor forma de enfrentamento pessoal e coletivo contra o vírus. Na prática, a casa, enquanto um módulo de arquitetura, vem sendo o meio mais eficaz para assegurar que as pessoas estejam protegidas diante da pandemia que se dissemina em velocidade cada vez mais rápida no território. Por carregar essa carga simbólica que a atribuem como “segurança”, “abrigo”, “conforto” e “proteção”, não é de se admirar que os meios de prevenção, até de origem pessoal como “lavar as mãos” estejam ligadas à casa.

Segundo Migliani (2020) há uma estimativa de que os seres humanos passem cerca de 90% de seu tempo de vida em espaços internos. Isso mostra que há uma relação muito maior que o percebido entre a casa e o indivíduo. Nesse sentido, a casa é capaz de gerar impactos decisivos sobre a vida individual através do sentimento de

pertencimento aos ambientes, maneira que o cérebro capta os melhores estímulos. Assim, a neuroarquitetura ao estudar a maneira que o cérebro responde ao ambiente vem a ser também uma ferramenta importante para entender a relação indivíduo/espço, como também as consequências e impactos da pandemia na casa e conseqüentemente nos hábitos coletivos e individuais.

Partindo dessa nova relação do indivíduo com o lugar que habita, gera-se o espaço. A medida que os usos são alterados há uma resignificação espacial. De acordo com Certeau (1980), o espaço vai sendo construído enquanto vivenciado, e isso só acontece quando os indivíduos realizam dinâmicas capazes de atualizá-lo. São essas dinâmicas, como as crises e revoluções que fazem com que o usuário repense seu ambiente, transformando-o em espaço. Historicamente isso tem acontecido diante das diversas crises sanitárias.

Muitas características da casa surgiram em decorrência das epidemias: as descobertas científicas do século XIX, a proibição das alcovas, o reposicionamento dos ambientes, o surgimento dos lavabos, dos banheiros sociais e das áreas abertas. Todas essas mudanças foram catalisadoras para que outras transformações pudessem ocorrer, como as relacionadas ao mobiliário: o peso dos móveis e a quantidade de peças dispostas que geralmente acumulavam muita poeira, além da difícil manipulação. Pensar nesse aspecto foi imprescindível tanto para a limpeza visual da casa do ponto de vista estético quanto para a manutenção do ambiente higienizado.

O cenário atual também traz uma resignificação de usos e espaços, sendo por isso que a dimensão simbólica da arquitetura relacionada aos cuidados e aos ambientes podem contribuir de forma efetiva para o enfrentamento da pandemia. A casa, como ambiente mais particular e íntimo, é o primeiro símbolo que carrega significados práticos, que se bem trabalhados, tendem a minimizar os impactos através das adaptações com a prática do lugar. E da mesma forma que os usos e ambientes foram se modificando ao longo da história, estas novas modificações sinalizam também uma relação participativa dos indivíduos com seu lar.

A relação participativa da realidade exterior (ambiente construído e outros símbolos) com as realidades (necessidades) individuais para Bourdieu (1992) seriam as responsáveis pela formação do "*habitus*". Dessa forma, o que chamamos de hábito é uma construção e fixação de sentidos e significados que usufrui do coletivo e do individual. Essa "subjetividade socializada", na prática, é o que faz com que as pessoas repitam padrões de forma inconsciente, como visto tanto na arquitetura das edificações quanto nas disposições internas dos ambientes, bem como nos usos e apropriações dos objetos.

Além disso, a arquitetura também pode servir de veículo de informação, como mostrado através das projeções mapeadas, prática utilizada em fachadas e monumentos para transmitir mensagens. Estas, além de veículo democrático informacional, conseguem gerar sentimentos e sensações no usuário. Nesse sentido, as fachadas digitais, mesmo possuindo um forte apelo publicitário, também ajudam na disseminação de informações do combate ao coronavírus, como visto na capital chinesa², onde os maiores monumentos se comunicam com as pessoas através da tecnologia, tanto passando mensagens de precaução quanto de esperança. A

² Ver matéria intitulada: "O poder simbólico da arquitetura no combate ao coronavírus", disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/936018/o-poder-simbolico-da-arquitetura-no-combate-ao-coronavirus>, acessado em: junho de 2020.

prática de transmissão de mensagens através das fachadas das edificações também tem sido vista no Brasil, como é o caso de um hotel em Poço de Caldas/MG (Figura 01) que escreve todas as noites a palavra “fé” com as luzes dos quartos de apartamentos³.

Figura 1 – Fachada do hotel em Poço de Caldas, em Minas Gerais.



Fonte: Magson Gomes, especial para o EM (2020).

Essa comunicação entre arquitetura e indivíduo, seja através das edificações ou do uso dos espaços, consegue causar impactos positivos se bem trabalhados no sentido de transmitir sentimentos e sensações agradáveis. Essa prática já auxilia no bem estar individual e coletivo. Sendo assim, é possível que essa comunicação simbólica auxilie cada vez mais para o enfrentamento das epidemias e nesse caso, ofereça práticas eficazes instrumentalizando tanto democratização da informação preventiva quanto da geração de “habitus” sanitários e transformações do lar.

Nesse sentido, as mudanças de comportamento frente ao uso e ocupação dos ambientes residenciais no contexto da pandemia Covid-19 decorrem do maior tempo de vivência nesses ambientes. Esse é um processo não apenas de ressignificação, mas também fruto de um resgate do símbolo de proteção que originalmente tem a casa. Logo, os usuários tendem a se relacionar de forma mais íntima e intensa com os ambientes construído, desenvolvendo a dita participação, defendida por Certeau (2008), e a medida que o indivíduo vai se comunicando em diferentes esferas com a casa, a partir da execução das atividades voltadas ao trabalho, serviço, lazer e descanso, ele vai se conectando com os símbolos do lar e ressignificando-os.

³ Ver matéria intitulada: “Hotel mantém palavra ‘fé’ na fachada durante pandemia de COVID-19”, disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/04/16/interna_gerais,1139292/hotel-mantem-palavra-fe-na-fachada-durante-pandemia-de-covid-19.shtml, acessado em: junho de 2020.

3 CONCLUSÕES

Logo, é possível afirmar que ambientes saudáveis são capazes de curar e de proporcionar bem-estar. É por isso que a humanização dos espaços colabora na mitigação dos danos psicológicos provenientes do distanciamento social e do contexto de pandemia que se vive atualmente.

Nesse sentido, as pessoas têm procurado executar novas práticas e modificações nos ambientes com o intuito de restaurar o mundo exterior aos seus espaços individuais e íntimos. Costumes cotidianos geralmente realizadas no espaço urbano estão sendo remodelados para dentro de casa, como destinar lugares para atividades físicas e para lazer, por exemplo. Além disso, outras diversas atividades cotidianas estão sendo potencializadas durante este período de isolamento. É possível destacar uma maior procura por hábitos voltados a leitura não científicas, utilização de aplicativos de exercício físico, arrumação de ambientes ou armários, experimentação de novas receitas, interação virtual voltadas a espaços culturais, entre outras.

Vale ressaltar ainda a dimensão preventiva da habitação. Seus ambientes higienizados bem como a execução de atividades relacionadas a asepsia são instrumentos já utilizados no combate e prevenção do Covid-19. Dessa forma, as mudanças que a casa vai passando nesses períodos tendem a permanecer na configuração das edificações, tornando-as mais salubres e saudáveis ao usuário, construindo uma nova agenda nos futuros programas de necessidades pensados para os espaços residenciais.

A casa não será a mesma pós pandemia, as pessoas, hábitos e comportamentos também não. Mesmo sabendo que os significados se projetam no concreto e material da habitação, também há algo de muito pessoal e imensurável que este artigo não irá se debruçar no entendimento, mas que se tratando de lar é importante que fique em evidência, é o caráter humano e reflexivo por trás das ressignificações que tendem a humanizar e habitar os espaços.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Cooperação Internacional CAPES/COFECUB em uma parceria da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), nos Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) e de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (ProDIC). Esta pesquisa é fruto do projeto aprovado pela Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação (Propep) da Universidade Federal de Alagoas, com o título: “Estudo das determinantes sócio espaciais na definição das estratégias de enfrentamento e mitigação dos efeitos da pandemia COVID-19 no estado de Alagoas”, e conta com o apoio do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL/Campus Arapiraca.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, José Ricardo Santos de Lima. “Espaço hospitalar: a revolta do corpo e a alma do lugar”. **Arquitextos**, n. 013, 2001. Disponível em:

<www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto079.asp>. Acessado em 19 de Janeiro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu avec L  ic Wacquant**. R  ponses. Paris: Seuil, 1992.

DUARTE, C. R. **Novos olhares sobre o lugar**: ferramentas e metodologias, da arquitetura   antropologia. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2008.

_____. Na cidade com o outro: o papel de Jane Jacobs para a consolida  o dos padrões sensíveis das ambiências urbanas. In: **III Seminário Internacional Urbicentros**. Salvador, outubro de 2012.

HOLANDA, F. Notas sobre a Dimensão Est  tica da Arquitetura. **RAU - Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Faculdade de Arquitetura, UFB, vol. 3, nos. 4/5, jun-dez, 1990, p.76-95.

LUKIANCHUKI, Marieli Azoia; SOUZA, Gisela Barcellos de. Humaniza  o da arquitetura hospitalar: Entre ensaios de defini  es e materializa  es híbridas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 10, n. 118.01, Vitruvius, mar. 2010 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.118/3372>>.

MIGLIANI, Audrey. Neuroarquitetura aplicada a projetos para crianças. **ArchDaily Brasil**. 05 Jul 2020. Acessado em Agosto de 2020. <<https://www.archdaily.com.br/br/941959/neuroarquitetura-aplicada-a-arquiteturas-para-criancas>> ISSN 0719-8906.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus e novo coronavírus**: o que  , causas, sintomas, tratamento e preven  o. <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus> (acessado em: 03 de junho de 2020).

NETTO, J. T. C. **A constru  o do sentido na Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

OLIVEIRA, Rosel  ne Vanessa Santos; GUDINA, Andrej Alexander Barbosa. Fique em casa e lave suas mãos. Notas sobre a cidade do não-circular. **Arquitextos**, São Paulo, ano 20, n. 239.01, Vitruvius, abr. 2020.

ZUMTHOR, P. **Thinking Architecture**. Ed. Birkh  user Architecture. Boston, 2005.